

A GENERIFICAÇÃO DOS BRINQUEDOS E SUAS RELAÇÕES DE PODER

Hilton Alves Silveira Júnior, Marcelo Victor da Rosa

hilton.alves@ufms.br, marcelo.rosa@ufms.br

Instituto Federal de Mato Grosso do Sul

IV Seminário de Pós-graduação do IFMS – SEMPOG IFMS 2024

Resumo:

Este trabalho visa analisar as relações de poder e a generificação de brinquedos em que os/as estudantes da educação infantil utilizam no seu dia a dia e na rotina escolar. O estado da literatura perpassa as análises de documentos oficiais de outros países, a saber Espanha, Uruguai e Estados Unidos, e como são tratados esses assuntos em território brasileiro, na qual nos países mencionados já não têm utilizado desta proposta. De caráter etnográfico, buscaremos por discursos que colaboram para a desconstrução de estereótipos de gênero presentes nas mídias, família e ambiente escolar. O embasamento teórico seguirá por autores nacionais e internacionais que contribuem com o viés da educação infantil, educação física e pela análise do discurso foucaultiana. Nesse sentido, foram observadas possíveis formas de cooperar para um melhor desenvolvimento das crianças em relação ao brincar sem generificar os brinquedos e as relações de poder que a(s) família(s) e docente(s) apontam como estratégias para a desconstrução de uma educação não sexista.

Palavras-chave: Relações de poder; Educação Infantil; Educação Física.

Resumen:

Este trabajo tiene como objetivo analizar las relaciones de poder y la sexización de los juguetes que los estudiantes de educación infantil utilizan en su vida diaria y rutina escolar. El estado de la literatura permea los análisis de documentos oficiales de otros países, concretamente España, Uruguay y Estados Unidos, y cómo se abordan estas cuestiones en territorio brasileño, donde los países antes mencionados ya no utilizan esta propuesta. De carácter etnográfico, buscaremos discursos que contribuyan a la deconstrucción de estereotipos de género presentes en los medios de comunicación, el entorno familiar y escolar. La base teórica será aportada por autores nacionales e internacionales que aportan desde la perspectiva de la educación infantil, la educación física y el análisis del discurso foucaultiano. En este sentido, se plantean posibles vías de cooperación para un mejor desarrollo de los niños en relación al juego sin sexismo con juguetes y relaciones de poder que familia(s) y docente(s) señalan como estrategias para deconstruir una educación no sexista.

Palabras clave: Relaciones de poder; Educación Infantil; Educación Física.

1. Considerações Iniciais

Vivemos em uma sociedade que ainda se preocupa com os estereótipos de gênero na construção da identidade das crianças. Por mais que nos deparamos com novas conceituações sobre a liberdade de expressão, as relações patriarcais/empirismo é algo notório e que não se pode descartar, uma vez que “Los estereotipos de género están muy presentes en nuestra sociedade y más concretamente em las familias y grupo de amigos, em la escuela, así como em los medios de comunicación” (Natalia Castellanos, 2013, p.7).

Segundo a autora as influências de membros da família, da escola e as mídias televisivas ressaltam que esses fatores incidem na formação da identidade das crianças. Logo, quando iniciam sua jornada de estudos, partindo da Educação Infantil (EI), estes/estas apresentam conhecimentos pré-adquiridos em suas casas, salientando assim, questões de estereotipias.

Cabe mencionar que, conforme Constantina Xavier (2012, p. 278) “[...] a educação ocorre nas relações cotidianas entre adultos e crianças, nas inúmeras expressões de sexualidade destas, nas normas e regras impostas no disciplinamento e docilização dos corpos, nas separações entre meninos e meninas”. Para tanto, muito do que as crianças expressam, são as representações adquiridas no dia a dia da sua rotina que, no ambiente escolar, são perceptíveis quando disponibilizados os brinquedos para utilizarem.

Ademais, o que percebemos também é que essa construção de estereótipos ainda está presente na sociedade brasileira, uma vez que as empresas que trabalham com a comercialização de brinquedos ressaltam a “necessidade” de separar os itens de ‘meninos’ e das ‘meninas’. Convém mencionar que alguns países estão descartando as questões de estereotipias em suas comercializações.

Estudos analisados em países como Uruguai, Espanha e Estados Unidos já ofertam brinquedos sem a generificação, com o intuito de permitir a criança a vivência e experiência em usar/manusear estes artefatos de maneira a preencher essas lacunas que, por muitas vezes são reprimidas por seus/as responsáveis (Castellanos, 2013; Lisa

Dinella, Erica Weisgram, 2018). Para tanto, essas autoras buscam refletir questões de gênero com estudantes da educação infantil e os impactos que a sociedade influi na construção da identidade destes/as indivíduos.

Diante de tal situação, realizamos esta pesquisa de cunho etnográfico em que Anderson da Silva e Kalina da Silva (2021, p. 73) nos dizem que

[...] a etnografia utilizada pela educação se torna um instrumento valioso a partir do momento que capta e compreende os diferentes diálogos intersubjetivos que caracterizam as práticas pedagógicas. A prática etnográfica ganha uma atenção nesse processo, pois se refere aos elementos que tornam as diferenças existentes na escola mais evidentes para quem se dedica a pesquisar os fenômenos educacionais na perspectiva do contexto das relações sociais.

Dada a assertiva acima, a pesquisa etnográfica representa como os comportamentos emergem em decorrência do ambiente em que se encontram e da sociedade em que vivem, já que as contribuições do campo de análise nos permitem a compreensão da fala, interpretação dos dados e as narrativas apresentadas durante a pesquisação.

Dada a importância das abordagens citadas, realizaremos a discussão da temática da seguinte forma: capítulo um, generificação dos brinquedos X família; capítulo dois, aspectos metodológicos e análise do discurso; capítulo três, resultados e discussão; capítulo quatro, considerações finais.

Capítulo 1: Generificação dos brinquedos X família

Considerando que a família tem um papel importante na construção da identidade das crianças, o que é perceptível são as relações de poder incumbidas por seus/as responsáveis, haja vista que Michel Foucault (1988, p. 102) nos ressalta que

[...] que o poder não é algo que se adquira, arrebate ou compartilhe, algo que se guarde ou deixe escapar; o poder se exerce a partir de inúmeros pontos e em meio a relações de desiguais e móveis; [...] são os efeitos imediatos das partilhas, desigualdade e desequilíbrios que se produzem nas mesmas e, reciprocamente, são as condições internas dessas diferenciações.

Dada a assertiva acima, o autor nos relata que muitas das concepções que as crianças nos informam são experiências vividas por seus/as responsáveis e o que o/a docente transmite, tendo em vista que a escola, por ser uma entidade neutra, não deve ou não deveria interferir na generificação dos brinquedos utilizados pelos/as educandos/as. Dessa forma, questões inerentes as relações de poder precisam ser bem orientadas de modo que não seja evidenciada as desigualdades entre os sujeitos em análise.

Dada a situação, percebemos que as crianças da EI reconhecem que os brinquedos possuem uma diferença (entre eles), pois ao adentrarmos em ambientes comerciais, essa separação é visível desde a fase inicial de seu nascimento e, quanto mais velhos/as vão ficando, a divisão dos artefatos vão se evidenciando. Nessa perspectiva, os responsáveis por estes indivíduos acabam por rotular que brinquedos de meninos são aqueles super-heróis, carrinhos, bolas, entre outros; e das meninas são aqueles utensílios de casa (cozinha, panelas, motor-home), bonecas (tanto as comuns como as princesas da *Disney*), dando alusão que as crianças devem e só podem brincar com os brinquedos ditos de “meninos” e de “meninas”.

Nesse sentido, observamos que, dada a situação acima, os familiares acabam por gerar relações de poder sobre as crianças, uma vez que não as permitem vivenciar outras criatividade e possibilidades de brincar. Cabe mencionar que, em alguns países, essa generificação de brinquedos não é algo de destaque, mas que no Brasil, ainda é uma vertente que precisa ser discutida.

Países como Uruguai, Espanha, Estados Unidos já utilizam dessa perspectiva de não binarismo entre os brinquedos, conforme destacam as autoras Castellanos, Lemes, Dinella e Weisgram fazendo alusão a empresa dinamarquesa Lego, que optou por não mais generificar seus brinquedos de modo que as crianças desenvolvam sua criatividade, fantasia, identidade, não compactuando, assim, em indivíduos que brincam/utilizam apenas um tipo de objeto/brinquedo generificados.

As autoras exploram um universo de grande ludicidade para as crianças não ressaltando as relações de poder em que as meninas só podem/devem usar bonecas e os meninos, os super-heróis, mas demonstram que é possível enriquecer o repertório de brincadeiras não obrigando-as a usar um único tipo de objeto para brincar.

Outro fator interessante a destacar é que, dentro das relações de poder, as crianças acabam por permitir que apenas alguns ou um/a colega “pode” brincar consigo. Somente certo tipo de brinquedo pode ser utilizado naquela brincadeira, enfim, algumas situações que os/as docentes estão submetidos a vivenciar e não corroborar essa – indevida – “exclusão”. Esta situação está presente no dia a dia da rotina escolar. Todavia, com a função de formador de opinião, o/a docente não deve instigar no/a aluno/a a exclusão, mas sim trabalhar no coletivo de maneira a não salientar as relações de poder entre as crianças.

É importante ter em mente que, as relações de poder são evidências/princípios adquiridos empiricamente, logo, a escola tem papel fundamental na observação dessa realidade, exemplificar e demonstrar as crianças as mais diversificadas formas de brincar com qualquer opção de brinquedos, permitindo assim, que as crianças consigam desenvolver sua personalidade/identidade, sua própria fantasia e seu próprio mundo imaginário.

2. Capítulo 2: Aspectos Metodológicos e Análise do Discurso

Esse trabalho visa analisar etnograficamente as relações de poder e generificação de brinquedos por estudantes da E.I., pelas lentes de Silva e Silva (2021, p. 70) ao qual observa que “[...] A etnografia se tornou um recurso metodológico fundamental para a reflexão dos fenômenos educativos, pois permite ao investigador compreender as diversidades culturais com que a escola se defronta diariamente”.

Nesse sentido, o estudo precedeu algumas etapas para sua construção, sendo: 1) levantamento do aporte teórico; 2) observações de campo. Dessa maneira, observamos os documentos norteadores para embasar as normativas que regem a E.I. e a E.F. No entanto, foram consultados o Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil, a Base Nacional Comum Curricular, as Diretrizes Nacionais Curriculares, assim como o Referencial Curricular da Rede Municipal de Ensino de Campo Grande/MS.

Para as análises discursivas, utilizaremos dos pensamentos de Michel Foucault (2008) que nos aponta ferramentas acerca da problematização e as relações de poder, na qual enfatiza que as identidades não são fixas ou completamente determinadas por forças externas. As identidades são produzidas em meio a múltiplas práticas discursivas e

relações de poder, sendo o sujeito ativo na sua construção, ainda que influenciado por normas, instituições e discursos.

Para tanto, cabe-nos ressaltar o percurso realizado para a construção deste estudo. Iniciamos com o trabalho de observação das crianças nas aulas de E.F. e seus relatos durante o campo. Nessa perspectiva, foi solicitado a/ao(s) responsável(s) das crianças que permitissem a realização da pesquisa. Desse modo, Manzini (2003) ressalta que a entrevista é parte fundamental para a construção e produção do *corpus*, uma vez que os cuidados com os/as entrevistados/as precisam ser observados com bastante zelo.

Isso posto, as entrevistas seguiram um roteiro (semiestruturada) que permitisse flexibilizações nas perguntas, haja vista que, a partir do viés foucaultiano (2010) toda e qualquer resposta pronta e objetiva, não dialoga com as vertentes propostas por este filósofo. Logo, os desdobramentos encontrados durante as entrevistas fazem com o pesquisador aprofunde mais o encantamento pela direção tomada.

Convém mencionar que, a duração de cada entrevista, ficou em torno de cinco minutos para cada criança. Essa etapa foi realizada na própria unidade de ensino em que as crianças estão matriculadas (Escola Municipal de Campo Grande/MS), durante as aulas de E.F. Convém destacar que a turma selecionada possui 20 alunos, dentre as quais 13 são meninas e 7 meninos.

Após o período das entrevistas, foi realizada as observações do campo. Cada criança tinha a sua disposição brinquedos considerados de meninos e de meninas. Dada a oportunidade de as crianças brincarem, observamos que cada indivíduo pegou brinquedo conforme suas identidades de gênero.

Diante de tal situação, Guacira Louro (2014, p. 67) observa que “É preciso aceitar que ‘naturalmente’ a escolha dos brinquedos seja diferenciada segundo o sexo?”. Na assertiva, a autora reflete sobre as construções identitárias das crianças, uma vez que a influência das mídias, igreja, família corroborem com as relações patriarcais aos quais elas/es vivem (Castellanos, 2013).

Portanto, a forma que ocorre a comercialização dos artefatos infantis, em sua grande maioria estereotipando os brinquedos, impacta diretamente na construção das identidades de gênero, que ainda se encontram em processo de formação (Brasil, 2010).

Nesse contexto, “é preciso problematizar as teorias que orientam nosso trabalho (incluindo, aqui, até mesmo aquelas teorias consideradas ‘críticas’) (Louro, 2014, p. 68). A autora faz um apontamento acerca da problematização a partir de Foucault, pois, os direcionamentos dos caminhos percorridos não seguem para um destino definido, mas pelas rotas alternativas que nos encaminhamos para, possivelmente, chegar a um lugar.

Isto posto, faz-se necessário apresentar os trabalhos encontrados e que auxiliaram na construção das análises desta pesquisa. Portanto, segue abaixo o quadro 1:

Quadro 1 – Base de dados para a pesquisa

Tipo de Publicação	Ano	Título	Autores	Plataforma
Dissertação	2020	Brincadeiras e histórias na Educação Infantil: ações pedagógicas integradas e interdisciplinares...	Renata de Moraes Lino	BDTD
Dissertação	2021	Fundamentos e práticas educativas sobre gênero e sexualidade na formação inicial do pedagogo para atuação na Educação Infantil	Guilherme de SouzaVieira Alves	BDTD
Dissertação	2023	Trajetórias formativas, gênero e subjetividade: representações sociais de professoras da Educação Infantil	Keila Cristina Rocha Carvalho	BDTD
Dissertação	2024	Práticas corporais de aventura na Educação Infantil: uma proposta para crianças de cinco anos	Ana Paula de Jesus Souza	BDTD

Na dissertação de Renata Lino (2020), esta aborda a interdisciplinaridade entre a E.I. e a E.F., uma vez que o desenvolvimento das crianças se inicia nesta etapa de ensino. Contudo, essa proposta de pesquisa também não faz relação a temática deste estudo, ressaltando que mesmo os trabalhos serem publicados há quatro anos, a abordagem de generificação ainda não se faz presente e relevante para as devidas análises.

Já a dissertação de Guilherme Alves (2021), por mais que tenha abordado as temáticas de sexualidade e gênero, que são visíveis neste trabalho, os pesquisados foram pedagogos (em formação) em que foi percebido que este estudo ainda não é tão explorado no âmbito da E.I., mas que podemos encontrar nas séries mais adiantes.

Na dissertação de Keila Carvalho (2023), ela apresenta uma abordagem um tanto quanto pertinente à proposta desta pesquisa, na qual a autora utiliza das questões relacionadas ao gênero. No entanto, o viés utilizado no trabalho foi da “coexistência de múltiplos discursos e práticas [...] por parte das docentes no que tange à abordagem de gênero e diversidade na infância”. Nesse sentido, Louro (2014, p. 92) nos diz que “[...] a escola é feminina, porque é, primordialmente, um lugar de atuação de mulheres – elas organizam e ocupam o espaço, elas são as professoras; a atividade escolar é marcada pelo cuidado, pela vigilância e pela educação, tarefas tradicionalmente femininas”. Contudo, ao defrontar a assertiva da autora, a escola não deve ser vista apenas como um ambiente exclusivo de mulheres, uma vez que encontramos muitos professores homens em todas as etapas de ensino.

A autora Ana Paula Souza (2024), em sua dissertação, apresenta conteúdos de práticas corporais de aventura nas aulas de E.F. na E.I. Nessa perspectiva, a autora ressalta a importância do brincar nesta etapa de ensino, uma vez que as crianças da E.I. constroem seus aprendizados/conhecimentos através de atividades lúdicas. Esta pesquisa traz uma relevância para este estudo, tendo em vista que os/as educandos/as utilizam do “faz de conta” para interagirem e, assim, conquistarem novas vivências e experiências.

3. Considerações Finais

Após o levantamento dos estudos sobre os marcadores sociais da diferença, podemos perceber que o embasamento teórico para as discussões é incipiente, demarcado pelo ano descrito (2020), mas que a busca por novos conhecimentos continua. Dessa maneira, as interfaces para a compreensão sobre a relação de corpo, criança e interseccionalidade se faz necessário estudos mais aprofundados sobre esta temática, tendo

em vista que ainda nos deparamos com situações em que as relações patriarcais ainda permeiam o convívio social dos indivíduos.

Desse modo, muitos são/serão os enfrentamentos, mas os aprofundamentos dos estudos, as conquistas de espaços e conhecimentos são fatores que permitirão novos processos de socialização, uma vez que os marcadores sociais da diferença não se sobressaiam, por mais que estejam implícitos nos indivíduos, mas não sejam visíveis e demarcados pela sociedade.

As abordagens que se busca no âmbito escolar, precisam ganhar novos espaços para debates acerca das identidades de gênero – em todas as etapas de ensino -, relações patriarcais, fazendo com que as famílias percebam sua necessidade e não corroborem questões de desigualdades no convívio social das crianças. Cabe ressaltar também que, dentro das escolas, as crianças se deparam com variadas situações em que acaba ocorrendo a divisão/separação de gênero (ex.: fila de meninos e fila de meninas), mas que haja a possibilidade de se trabalhar com as crianças essa desconstrução de maneira a contribuir, ainda mais, na formação de novos cidadãos/ãs para a sociedade.

4. REFERÊNCIAS

ALVES, Guilherme de Souza Vieira. Fundamentos e práticas educativas sobre gênero e sexualidade na formação inicial do pedagogo para atuação na Educação Infantil / Guilherme de Souza Vieira Alves. – Araraquara, 2021.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. Diretrizes curriculares nacionais para a educação infantil / Secretaria de Educação Básica. – Brasília : MEC, SEB, 2010.

CAMPO GRANDE. REFERENCIAL CURRICULAR - REME. Linguagens: Educação Física, v. 4, 2020. Disponível em: https://doc-0k-6s-docs.googleusercontent.com/docs/securesc/ucqcv2pb3pr4nlpdkesn88do2spolrej/dlap69s2d6vq1vn763hrhrlrhdqk3glbd/1640804775000/05488082971405197419/02723298149622554218/14dW8TVRliEB5HoT5_OJh4X8ZrZoMfwWt?e=downloads&authuser=0. Acesso em: 09 nov. 2023.

CARVALHO, Keila Cristina Rocha. Trajetórias formativas, gênero e subjetividade: representações sociais de professoras da Educação Infantil. Keila Cristina Rocha Carvalho. – São Paulo: [s.n.], 2023.

CASTELLANOS, Natalia Lumbreras. Estereotipos de género en los juguetes, de los niños de educación primaria / Natalia Lumbreras Castellanos. - Logroño, Espanha: 2013.

DINELLA, Lisa M. WEISGRAM, Erica S. Gender Typing Of Children's Toys: How Early Play Experience Impact Development. Edited by Lisa M. Dinella and Erica S. Weisgram, Washington, DC: APA Books, 2018. 341 pp. ISBN: 978--1--4338-2886-7. DOI: <https://doi.org/10.1007/s11199-018-0960-2>. Acesso em 03 jun 24.

FOUCAULT, Michel. História da sexualidade I. A vontade de saber. 13 ed., Rio de Janeiro: Graal, 1988.

FOUCAULT, Michel. A arqueologia do saber. Tradução de Luiz Felipe Baeta Neves, -7ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.

FOUCAULT, Michel. Polêmica, Política e Problematizações. In: FOUCAULT, Michel. Ditos e escritos V: Ética, sexualidade, política. 2 ed., Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010.

LINO, Renata de Moraes. Brincadeiras e histórias na educação infantil: ações pedagógicas integradas e interdisciplinares no programa “Educação com Movimento” do Distrito Federal. 2020.

LOURO, Guacira Lopes. Gênero, sexualidade e educação: Uma perspectiva pós-estruturalista/Guacira Lopes Louro. 16 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

SILVA, Anderson Vicente da; SILVA, Kalina Vanderlei da. Etnografia na educação: contribuições metodológicas na compreensão da realidade educacional. REIS, v.5, n.2, jul.-dez.2021, p.64-78. Rio Grande. DOI: <https://doi.org/10.14295/reis.v5i2.13732>

SOUZA, Ana Paula de Jesus. Práticas corporais de aventura na Educação Física Infantil: Uma proposta para crianças de cinco anos. / Ana Paula de Jesus Souza. -- Presidente Prudente, 2024.

XAVIER FILHA, Constantina. A menina e o menino que brincavam de ser...: representações de gênero e sexualidade em pesquisa com crianças. Revista Brasileira de Educação, v. 17, n. 51, p. 627–646, set. 2012.